



Revista do Corpo Discente do Programa
de Pós-Graduação em História da UFRGS

**A IDADE MÉDIA FANTASIADA DO MUNDO DE OZ:
PERCEPÇÕES DE MEDIEVALIDADE NO FILME *O MÁGICO DE OZ*
(*THE WIZARD OF OZ*, 1939)**

Rivadávia Padilha Vieira Júnior¹

Resumo: Com base na renovação dos estudos e das metodologias aplicadas ao período medieval, desenvolvidos ao longo do século XX, e em face ao interesse particularmente intenso que a sociedade ocidental nutre pelo medievo, localizado entre os séculos V e XV da história europeia, este estudo adota a concepção de abordar a História fazendo uso do cinema como documento histórico e discurso sobre a História. A partir do filme *O Mágico de Oz* (*The Wizard of Oz*, 1939) é realizado o exercício de percepção e exemplificação da permanência insistente do imaginário estereotipado sobre a Idade Média apropriado pelo cinema. As representações de uma “Idade Média Fantasiada” e as referências de “medievalidades” são discutidas a partir do filme, sempre tomando as devidas precauções teóricas e metodológicas exigidas ao historiador na relação entre cinema e história.

Palavras-chave: Idade Média. Medievalidade. Cinema e História. *O Mágico de Oz* (*The wizard of Oz*, 1939).

A Idade Média desperta interesse particularmente intenso no imaginário da sociedade ocidental contemporânea. No campo do estudo histórico acadêmico do século XX, o medievo foi tema caro para a sua releitura. Partindo de novas abordagens metodológicas e em associação de um rigor científico com a imaginação, propiciou-se uma nova abordagem e significação ao período histórico que, desde a Renascença, *a priori*, teve sua importância menosprezada e estereotipada. Para o senso comum, que facilmente pode ser constatado ainda hoje, a época está vinculada a um período obscuro e misterioso da história do homem: a “idade das trevas”, os “mil anos de escuridão”. Segundo Christian Amalvi, a ideia de Idade Média conhecida não existiu de fato, sendo apenas uma fabricação e reprodução de mitos e representações que se relacionam com esta época.² Contudo, a ideia de uma Idade Média obscurantista e mitificada ainda persiste e permanece amplamente difundida.

A partir dos trabalhos de historiadores medievalistas como Marc Bloch, Jacques Le Goff e George Duby, entre outros, que a compreensão sobre o período no século XX se transformou e foi repensada. Dentre as várias contribuições que este grupo de historiadores, conhecido como pertencentes à Escola dos Annales, somou a disciplina histórica, estão novas metodologias de trabalho aplicadas em fontes conhecidas e a expansão do conceito de documento histórico. No entanto, é apenas entre as décadas de 60 e 70 do século XX que se firma uma nova concepção de abordar a História fazendo uso do cinema como documento histórico e discurso sobre a história. Na França, Marc Ferro abre caminho para a reflexão e discussão em torno do uso do filme como mais uma fonte histórica: “O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História”. (FERRO, 1992, p. 92). O filme começa a ser entendido como testemunho da sociedade que o produziu.³

A rigor, se faz necessária a advertência de que o uso da cinematografia como documento para a História requer cautela, preparo e cuidados especiais. O filme, assim como outros tipos de fontes não é mero reflexo da sociedade e não apresenta de forma direta e transparente o seu significado. Além de ser preciso saber questionar o seu uso e ter clara a questão do problema que o fará útil como documento, o conhecimento sobre técnicas e linguagens cinematográficas é imprescindível para que se rompa com a visão aparente e não se corra o risco de cair no vazio do senso comum e da redundância durante a pesquisa. Para Ferro (1992) existem duas formas de leitura do filme como fonte para o historiador: a *leitura histórica do filme*, onde este é percebido à luz do contexto em que foi produzido; e a *leitura cinematográfica da história*, utilizando o filme na compreensão de como a História é representada, como se dá o discurso sobre o passado. Está clara, também, a importância do momento em que o filme é lançado pra divulgação.

No que tange à classificação de filmes das principais tendências que abordam temas históricos, encontramos dificuldades de enquadramento de uma diversificada produção. Para abordagem do período histórico que nos interessa, o medieval, o historiador José Rivair Macedo (2009) nos apresenta a seguinte classificação definida por François de la Breteque em três categorias: “filmes de historiadores”; “personagens históricos”; e “filmes de aventura”.

Façamos uso então, como exercício de percepção e exemplo expositivo da permanência do imaginário estereotipado sobre a Idade Média, de como é dada a apropriação do cinema de uma “Idade Média Fantasiada” (MACEDO, 2006, p.22), mais

especificamente, como é possível perceber referências de uma “medievalidade”⁴ a partir do filme *O Mágico de Oz* (*The Wizard of Oz*, 1939), sempre tomando as devidas precauções na relação entre cinema e história.⁵

Adaptação de um conto clássico infantil, um dos mais populares nos Estados Unidos da América (*The Wonderful Wizard of Oz*, 1900), escrito por L. Frank Baum (1856-1919), *O Mágico de Oz* foi dirigido por Victor Fleming,⁶ e trás no papel da protagonista da história, a menina Dorothy, a atriz Judy Garland. O desenvolvimento da produção do filme começou em 1938, após o sucesso do filme *A Branca de Neve e os Sete Anões* (*Snow White and the Seven Dwarfs*, 1937),⁷ e foi lançado nos cinemas pelos estúdios Metro-Goldwyn-Mayer em 1939. A produção do filme foi complexa desde o início, da adaptação do roteiro à seleção de elenco. Suas estatísticas estão envolvidas em números elevados, da utilização de quase 70 sets de filmagens, criação de diferentes efeitos especiais e esquemas de iluminação, bem como de novos padrões de cores, além das cifras que envolveram o total de custos da obra, na época foram gastos mais de US\$2,7 milhões, tendo o filme arrecadado em seu primeiro lançamento nos cinemas aproximadamente US\$3 milhões, *a posteriori*, valor considerado baixo para o investimento.⁸

Atemo-nos, particularmente, à leitura de “medievalidades” que o filme nos propicia,⁹ ou seja, àqueles elementos que nos trazem percepções de inspiração de origem no medieval, em três momentos especiais: a terra dos Munchkings; a floresta e o castelo da Bruxa Má do Oeste; e, finalmente, a Cidade das Esmeraldas.

No início da película a personagem de Dorothy é apresentada em seu ambiente familiar no Kansas (EUA), representado em tons de sépia. Após uma situação de conflito a menina foge de casa, mas retorna em seguida, enquanto um tornado se aproxima. A casa é atingida e jogada para um outro mundo, o maravilhoso país dos Munchkings, já no fantástico mundo de Oz. Esta terra mágica, o pequeno vilarejo dos Munchkings era dominado por uma bruxa que fora esmagada pela casa de Dorothy, em perfeito contraste com a representação do Kansas, é um ambiente de variadas e vibrantes cores e formas. Seus habitantes são criaturas pequeninas e exóticas, anões que vestem trajes coloridos e rebuscados. Este lugar de fantasia, o mundo de Oz, também é habitado por bruxas boas e belas, como Glinda que vem do norte, ou malvadas e feias, como a Bruxa Má do Oeste.¹⁰ Em um primeiro momento os habitantes ficam receosos com a circunstância da chegada de Dorothy,¹¹ mas logo que tomam conhecimento de suas boas intenções da jovem proporcionam uma animada recepção e comemoração

com danças, desfiles, músicas e passeio de carruagem.¹² É possível observarmos em uma visão panorâmica da cidade a disposição das edificações: um campanário no alto da torre de uma construção, praça central, além de jardins e pontes. Ao final da sequência na terra dos Munchkings uma característica se torna curiosa e evidente: a cidade é cercada por uma pequena muralha com uma torre de vigia ao lado da entrada da cidade,¹³ podemos compreendê-lo como a representação de um pequeno burgo medieval. Na despedida entre as personagens fica claro o limite do urbano e o vasto horizonte rural, tanto que os pequenos habitantes prometem segurança a Dorothy até a fronteira de sua cidade.¹⁴

Após a partida Dorothy encontra seu primeiro companheiro de viagem na terra de Oz, o Espantalho, que se junta à aventura em busca da Cidade das Esmeraldas, na esperança de realizarem seus desejos. Neste momento defrontamo-nos com outro ambiente encantado e ao mesmo tempo misterioso e obscuro, a floresta.¹⁵ Ao se aproximarem da entrada de um bosque, sob o olhar vigilante da Bruxa Má do Oeste, a menina encontra um pomar de maçãs. Com fome resolve colher alguns frutos de uma árvore, quando é a surpreendida e repreendida pela macieira. A árvore é uma criatura encantada, que fala e move seus galhos na tentativa de evitar que a jovem recolha suas maçãs, reagindo agressivamente contra ela e o Espantalho.¹⁶ Mais a frente, encontram um Homem de Lata lenhador, que se une a jornada para o encontro com o Mágico de Oz. A seguir, o trio é atacado pela Bruxa Má do Oeste. É na floresta que a vilã da história encontra um ambiente livre para realizar suas ameaças e maldades contra nossos heróis. Após a retirada momentânea da bruxa o grupo segue o caminho de tijolos amarelos para a Cidade das Esmeraldas. Adentram na floresta onde um clima sombrio e a vegetação cerrada criam um ambiente de medo entre as personagens. Os sons de animais desconhecidos e escondidos entre as árvores, e a possibilidade de encontrarem criaturas selvagens (leões, tigres e ursos) ajudam a construir um *locus* obscuro e sinistro, a jovem confessa não gostar da floresta por ela ser escura e arrepiante, e lá encontram a companhia de um Leão medroso pra seguir a viagem.

Quando, finalmente, o quarteto chega a Cidade das Esmeraldas e consegue uma audiência com um temível Mágico de Oz, são incumbidos de uma missão pela qual precisarão enfrentar o ambiente hostil e tenebroso de uma floresta assombrada (*haunted forest*), onde se encontra o castelo da Bruxa Má do Oeste.¹⁷ Novamente a floresta é representada sempre envolta em sombras e com paisagens amedrontadoras, sons e criaturas temíveis (como corujas e urubus de olhos vermelhos e brilhantes), além de

fantasmas que aterrorizam as quatro personagens. É nesta floresta onde os terríveis macacos alados, enviados pela vilã, atacam os heróis e capturam Dorothy, que é levada como prisioneira para o alto de uma torre de castelo. O cativo da jovem, e morada da bruxa, está localizado no alto de uma colina rochosa.¹⁸ O castelo feito de pedra, com grandes muralhas e torres de guarda, também possui uma ponte levadiça que garante a possibilidade ou a restrição ao seu acesso.¹⁹ É pela ponte que os amigos de Dorothy conseguem invadi-lo, derrotando a vilã da história e cumprindo a missão imposta pelo Mágico de Oz, os heróis dirigem-se para o retorno a Cidade das Esmeraldas.

Se “todos os caminhos levam a Roma”, como diz um antigo dito popular, no mundo de Oz todas as estradas de tijolos amarelos levam à Cidade das Esmeraldas. Destacando o instante do primeiro contato de contemplação do olhar dos personagens (e nosso) desta cidade, ela forma uma paisagem contrastante com o ambiente que a cerca. Os campos em torno dela servem como uma moldura para obra de arte da urbanidade, que atrai a atenção do olhar e brilha no horizonte. Com suas grandes estruturas arquitetônicas reluzentes se faz imponente perante aqueles que a observam. A urbe é protegida por um guardião, que do alto de grandes portões pode verificar quem se aproxima e deseja entrar na cidade, mas para isso é preciso, antes, que o visitante se apresente e anuncie suas intenções. Com os portões abertos podemos observar em plenitude sua grandiosidade:²⁰ enormes torres e edificações;²¹ seus habitantes, são altos e elegantemente bem vestidos; as quatro personagens são recebidas de forma alegre e cortês. Aquelas que vivem na Cidade das Esmeraldas são exemplos de modos civilizados e visivelmente felizes por lá morarem e sentirem-se protegidos.²² Esta é uma cidade ideal, uma cidade idealizada.²³

A rigor, o filme *O Mágico de Oz* possui uma forte influência de um imaginário medieval da época de sua produção.²⁴ Evidentemente a adaptação do conto de L. Frank Baum não possui intenção alguma de retratar ou reproduzir o período histórico conhecido como Idade Média, mas fica claro que é ao medievo que se recorre através de “temas míticos, românticos, bélicos e propriamente imaginários” (MACEDO, 2006, p.22) para a construção de metáforas e apropriação de elementos relacionados a esta época, como o castelo, torres de guarda, cidades muralhadas, pontes levadiças, etc. É construída uma “Idade Média Encantada” (BARROS, 2006, p.11), que é representada de acordo com os desejos, esperanças e temores do público espectador de cinema. No entanto é preciso termos consciência de que o objetivo da obra não é o resgate do período histórico, pois se trata de um filme de fantasia, sua função primordial é apenas

entreter seu público.²⁵ O fascínio que a civilização medieval exerce sobre a sociedade contemporânea ocidental está relacionado com a compreensão de que esta época é o berço de lendas, mitos e epopéias que hoje fazem parte do imaginário da cultura ocidental. (BALDISSERA, 2006, p.24). Ainda se insiste em entender a Idade Média na sua essência como o tempo do exótico. A ela facilmente são incorporados elementos e eventos singulares e fantásticos, como seres com poderes mágicos (bruxas, magos, feiticeiras), criaturas fantásticas (dragões, fadas) e lugares encantados (reinos, cavernas, florestas). Mesmo que não se esteja falando explicitamente da história medieval, o filme é localizado em seu espaço mítico e em sua ambientação. (ROSSINI, 2006, p.27). Para a compreensão do filme é de suma importância para o historiador a “distinção entre uma Idade Média propriamente histórica, objeto de estudo dos medievalistas, e uma Idade Média vista em retrospectiva, isto é, uma certa idéia do passado medieval visto pela posteridade.” (MARCEDO, 2009, p.14).

The Fantasy Middle Age of the world of Oz - Perceptions of medievalities in the film The Wizard of Oz (1939)

Abstract: On the basis of the renewal of the studies and the methodologies applied to the medieval period, developed throughout XX century, and in face to the particularly intense interest that the western society occidental nourishes for *medievo*, located between centuries V and XV of European history, this study adopts the conception to approach History, making use of the cinema as historical document and speech on History. From the film the Magician of Oz this study carries through the exercise of perception and exemplification of the stereotype insistent permanence of the imaginary one on appropriate the Average Age for the cinema. The representations of a “Fantasy Middle Age” and the references of “medievalities” are argued from the film, always taking had the theoretical and methodologies precautions demanded to the historian in the relation between cinema and history.

Keywords: Middle Ages. Medievalities. Film and History. The Wizard of Oz (1939).

¹ Graduando do curso de História – UFRGS. Endereço eletrônico: rivajr@gmail.com.

² “A Idade Média não existe. Este período de quase mil anos, que se estende da conquista da Gália por Clóvis até o fim da Guerra dos Cem Anos, é uma fabricação, uma construção, um mito, quer dizer, um conjunto de representações e de imagens em perpétuo movimento, amplamente difundidas na sociedade [...]”. (AMALVI, 2006).

³ “Quando o historiador passou a observar o filme, para além de fonte de prazer estético e de divertimento, rapidamente ele o percebeu como agente transformador da história e como registro histórico.” (NOVÓIA, 2009).

⁴ Esta conceitualização nos é apresentada como: “... diferentemente das ‘reminiscências [medievais]’, que de alguma forma preservam algo da realidade histórica da Europa medieval [...] [na] ‘medievalidade’ [...] a Idade Média aparece apenas como uma referência, e por vezes uma referência fugidia, estereotipada. Assim, certos índices de historicidade estarão presentes em manifestações lúdicas, obras artísticas ou técnicas de recriação histórica [...], mas a Idade Média poderá vir a ser uma realidade muito mais imprecisa na inspiração de temas (magos, feiticeiros, dragões, monstros, guerreiros, assaltos a fortalezas) produzidos pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural.” Cf. MACEDO, 2009.

⁵ A discussão teórica e abordagem metodológica do cinema como mais uma fonte/documento para a História tem despertado desde meados do século XX amplo debate entre os historiadores. Cf.:

CARDOSO; MAUAD, 1997; FERRO, 1992; NAPOLITANO, 2003; NOVA, 1996, 1998; SORLIN, 1994.

⁶ A produção do filme também contou com a participação de outros três diretores não creditados oficialmente.

⁷ Produtores cinematográficos compreenderam que adaptações de contos infantis e filmes de fantasia poderiam ser bem-sucedidos. FRICKE; SCARFONE; STILLMAN, 1989, p. 18.

⁸ Apesar de receber várias críticas positivas em seu lançamento e seis indicações ao Oscar de 1940, o sucesso comercial do filme foi atingido devido às exibições anuais na televisão dos EUA entre as décadas de 50 e 90.

⁹ “[...] para melhor avaliar que Idade Média comparece nos filmes, será preciso identificar primeiro as técnicas de construção da narrativa cinematográfica e considerar que o propósito do filme não é instruir ou estimular uma reflexão sobre o passado, mas divertir e despertar emoções.” (MACEDO, 2009).

¹⁰ Podemos classificar *O Mágico de Oz* dentro da categoria de “filmes de aventura”, de acordo com La Breteque, esta tipologia de filme encontra grande expressão no cinema produzido por Hollywood. “A Idade Média é tratada de modo muito livre e a escolha dos temas e personagens parece estar subordinada exclusivamente os padrões de gosto do cinema-divertimento. [...] No cenário de uma Idade Média caracterizada pela presença de cidades antigas, muralhadas, cavaleiros com armaduras e igrejas vistosas, os personagens, [são] divididos no habitual campo dos “bons” e dos “maus” [...]. Em tais filmes, a época e o local não importam essencialmente ao desencadeamento da aventura.” (MACEDO, 2009).

¹¹ “O estrangeiro, durante muito tempo, é recebido, antes, com interesse, curiosidade e honra, do que como objeto de repulsa e desprezo.” (LE GOFF, 1998, p.54).

¹² “A praça pública [...] é realmente o cadinho, o lar da cultura urbana, lugar de trocas, lugar de criação. [...] Essa cultura é em primeiro lugar cômica, satírica, paródica. [...] a cidade medieval torna-se o lugar de um folclore urbanizado, um espaço de charivaris, de gritos de trabalho, de festa, onde é freqüentemente difícil distinguir o eco do campo da criação popular urbana [...]” (LE GOFF, 2006, p. 230).

¹³ “[A cidade medieval] É ainda um sistema de organizações de um espaço fechado com muralhas, onde se penetra por portas e se caminha por ruas e praças, e que é guardado por torres.” (LE GOFF, 2006, p.223).

¹⁴ “Se remontamos à Antiguidade, é em Roma, sobretudo, que se cria, do ponto de vista cultural, do ponto de vista dos costumes, uma oposição muito forte entre cidade e o campo. E é aí que começa a aparecer um vocabulário que vai ser reforçado precisamente na Idade Média. Os termos relacionados à cidade denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbis*; polidez, da *polis* grega. A Idade Média herda da Antiguidade latina, e reforça, esse menosprezo pelo campo, sede do bárbaro, do rústico.” (LE GOFF, 1998, p.124).

¹⁵ “[...] a Idade Média acrescenta a essa oposição cidade-campo um terceiro termo: a floresta.” (LE GOFF, 1998, p.124-125).

¹⁶ “O lugar mais selvagem é a floresta. O campo, onde é habitado, onde é valorizado, permanece, em certo sentido, um reflexo da cidade que, aliás, o domina, em particular economicamente, ao passo que a floresta é irredutível.” (LE GOFF, 1998, p.125).

¹⁷ “O castelo medieval – e particularmente o castelo fortificado – faz parte desde a infância de nossa paisagem imaginária.” (PESEZ, 2006, p.153).

¹⁸ “[No castelo medieval] A função de prisão é de fato secundária e é um exagero associar ao castelo as enxovias e as masmorras. O castelo é principalmente uma casa, uma residência aristocrática [...] uma grande morada. Mas o castelo tem, além disso, o papel de um signo. Esse papel é materializado por suas dimensões, mas também por sua situação geralmente elevada, dominante, e pela demonstração de poder contida nas fortificações, torres e portas e ameias.” (PESEZ, 2006, p.153).

¹⁹ Podemos identificar a morada da Bruxa Má do Oeste como um castelo com torreão, de acordo com as três tipologias apresentadas por: PESEZ, 2006, p.161.

²⁰ “A cidade medieval é, antes de mais nada, uma sociedade de abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas.” (LE GOFF, 2006, p.223).

²¹ “[A cidade medieval] É uma cidade vertical dentro de seus muros, erigida de campanários de igrejas e de torres de casas ricas e poderosas, uma “Manhattan” que afirma seu poder e se eleva em direção a Deus.” (LE GOFF, 1998, p.225).

²² “A Idade Média opõe a cidade, lugar de civilização, ao campo, lugar de rusticidade. E, num mesmo movimento, afirma sua altivez num desejo de construir em direção ao céu, uma verticalidade expressa pelas torres medievais [...]. A Idade Média criou a beleza artística urbana, dando origem a um novo urbanismo.” (LE GOFF, 1998, p.119).

²³ “A história urbana medieval é resultado da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginária, sonhada por seus habitantes e por seus artistas, filósofos e literatos. [...] A cidade – e especialmente a cidade medieval – é um lugar teatral.” (LE GOFF, 2006, p.219).

²⁴ “Após 1920, as novas mídias prolongam a visão romântica da Idade Média. Durante mais de quarenta anos, as superproduções medievais realizadas por Hollywood, está máquina de fabricar sonhos para o mundo todo, apresenta características comuns [...] o cenário colossal, a abundância de figurantes, a beleza e o luxo das vestes e, sobretudo, a absoluta indiferença em relação à ‘concordância dos tempos!’” (AMALVI, 2006, p.543-544).

²⁵ “O homem moderno, às vezes, vai buscar nos filmes ambientados na Idade Média a intensidade de sentimentos que ele nem sempre encontra na sua vida cotidiana, apesar de todos os perigos que a envolvem.” (BARROS, 2006, p.14).

Referências:

AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. 1v. p. 537.

BALDISSERA, J. A. A Idade Média através do cinema. *Cadernos IHU em Formação*, São Leopoldo, v. 11, 2006.

BARROS, José D'Assunção. Como se vê a Idade Média? *Cadernos IHU em Formação*, São Leopoldo, v. 11, 2006.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e imagem. Os exemplos da fotografia e do cinema. IN: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs). *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERRO, M. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FRICKE, J.; SCARFONE, J.; STILLMAN, W. *The Wizard of Oz: The Official 50th Anniversary Pictorial History*. New York: Warner Books, 1989.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. Cidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. 1v. p.230.

MACEDO, J. R. A Idade Média através do cinema. *Cadernos IHU em Formação*, São Leopoldo, v. 11, 2006.

_____. Introdução – Cinema e Idade Média: perspectivas de abordagem. In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). *A Idade Média no cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 13-47.

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVA, C. O cinema e o conhecimento da história. *O olho da história*, Salvador: UFBA, nº. 3. Disponível em: < <http://www.oolahistoria.ufba.br/o3cris.html>>. Acesso em 13 fev. 2009.

NOVÓA, J. Apologia da relação cinema-história. *O olho da história*, Salvador: UFBA, nº. 1. Disponível em: < <http://www.oolahistoria.ufba.br/01apolog.html>>. Acesso em 13 fev. 2009.

PESEZ, Jean-Marie. Castelo. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. 1v. p. 153.

ROSSINI, M. O cinema e a reconstituição do passado. *Cadernos IHU em Formação*, São Leopoldo, v. 11, 2006.

SORLIN, P. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.7, n. 13, p.81-95, 1994.